



ARTIGO DO
CURSO DE FILOSOFIA OCULTA

VOSSA SANTIDADE MAIORAL DE QUIMBANDA

DA SÉRIE: O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO



CIPRIANO O MAGO
Autor: Romario Romis

O desejo de se comunicar com os espíritos é mais antigo que a história; relacionado com princípios indelévels da natureza humana [...] e as tentativas de satisfazer esse desejo geralmente tomam uma forma que traz um grande ultraje a razão. [...] A constância da reiteração [da conjuração] feita com frequência aumenta sua autoridade e poder, e acomete o terror nos espíritos, submetendo-os a obediência. [...] No Egito, na Índia e na Grécia, não se lidava com diabos como no cristianismo; Typhon, Juggernaut e Hécate não eram divindades inferiores, mas sim deuses absolutos, e o ofício de Canídia era em sua maneira tão sagrado como os pacíficos mistérios de Ceres.¹

O espírito assentado deixa de ser um mero «falangeiro» e torna-se um Mestre pessoal, responsável pelo desenvolvimento do adepto. [...] Um adepto não precisa ter muitas «linhas» para se desenvolver e sim, um único e grandioso Mestre que corra todos os Reinos e o ampare em sua jornada.²

Nas mais antigas versões de histórias sobre espíritos familiares, nós somos orientados a não ouvi-los e segui-los cegamente, mas ao invés disso, a estabelecer uma *relação* com os espíritos, o que nos ajuda, com suas orientações, a estabelecer nosso compasso interno.³

A história da magia no Ocidente é em grande medida uma história focada na intervenção dos espíritos e dispositivos [mágicos]. A maior parte de nossos registros históricos, dos grimórios a estudos acadêmicos modernos, examina um tipo de magia que é operado abaixo do nível do adepto. Aqui encontramos o mago estabelecido com lamens, anéis, sigilos e livros; seu corpo adornado com vestimenta [cerimonial], ferramentas e toda uma parafernália que possibilita a intervenção dos espíritos. Cada um desses dispositivos é uma lição da arte. Quando criados pelo mago e trazidos a vida por meio do contato com os espíritos podem se tornar poderosos artefatos com laços autênticos com os espíritos. [...] Se nós começarmos a traçar o registro histórico da tradição ocidental de magia ritual até os antigos reinos da Grécia, Caldeia ou Egito, rapidamente perceberemos que o poder do mago reside na sua versatilidade e capacidade de se comunicar com uma quantidade variada de criaturas espirituais. [...] A magia que ele opera é mais um ato de mediação do que de desempenho próprio. Seja mediando anjos, demônios ou deidades, o antigo ritual de magia requer uma criatura espiritual trabalhando em função do mago no reino [da geração]. [...] O mago e suas ferramentas nesse contexto são meros portais das forças que passam através deles.⁴

Nos anos recentes a magia mudou. Nós tivemos uma explosão de publicações de textos tradicionais da magia europeia. Muitos magistas tiveram acesso a tradições vivas da magia. Nós vimos as tradições mágicas que foram obscurecidas pela tradição moderna [da magia]. Com essa consciência nós nos descobrimos em um mundo vivo repleto de espíritos; espíritos que têm vivido poderosamente, seres independentes que dão vida, dinamismo e poder a magia.⁵

Não há dúvida de que existem os espíritos Bons e Maus; e que estão em relacionamento com os homens; não há dúvida de que os ditos espíritos estão dotados de uma inteligência soberana, posto que a própria religião lhes dá o poder de

¹ Arthur Edward Waite, O LIVRO DA MAGIA NEGRA E DOS PACTOS. Via Sestra, 2018. *Os colchetes são meus.*

² Danilo Coppini, QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA. Via Sestra, 2019.

³ Maja D'Aoust, FAMILIARS IN WITCHCRAFT. Destiny Books, 2019.

⁴ Frater Acher, CYPRIAN OF ANTIOCH. Quereia Publishing, 2017. *Os colchetes são meus.*

⁵ BJ Swain, LIVING SPIRITS: A GUIDE TO MAGIC IN A WORLD OF SPIRITS. Publicação do autor, 2018. *Os colchetes são meus.*

tentar-nos, de induzirmos ao bem e ao mal; logo, se por meio da Magia pode o homem pôr-se em relação com estes espíritos, esse homem logrará alcançar a suprema sabedoria.⁶

Hécate, a deusa grega da feitiçaria, além de ser associada as encruzilhadas, matas selvagens, espaços limiares, também está conectada aos fantasmas, espíritos infernais e a necromancia. [...] A diabolização da necromancia eventualmente levou-a a ser renomeada para *nigromancia* (divinação negra), posteriormente classificada como *magia negra* ou *arte negra*. Isso transformou a percepção da arte, tornando-a sombria e relacionada ao diabo. [...] Quando animais são sacrificados [cerimonialmente] [...] está prática atraindo e alimenta os espíritos dos mortos, que vêm beber o fluido da vida. [...] A arte da necromancia inclui o trabalho com ancestrais, trabalho onírico, convocação de sombras, comunicação com espíritos, e todas essas práticas combinadas para divinação, magia e feitiços.⁷

A Magia é a arte de submeter às potências da natureza à vontade humana. Entre essas potências há as entidades invisíveis, espíritos, gênios e demônios evocados mediante fórmulas, orações, encantamentos, talismãs, pantáculos, filtros e outros agentes naturais.⁸

Qualquer definição acurada sobre magia deve envolver conceitos como os de outros mundos, espíritos, *daimones* e deuses, porque essa é a premissa pela qual muitos magistas operam.⁹

Cipriano deveria, em princípio, ser entendido como um guia para aquela experiência maravilhosa quando o feiticeiro finalmente alcança o conhecimento e conversação com seu espírito patrono.¹⁰

Deve ser entendido que este [O LIVRO DE SÃO CIPRIANO], diferente de outros grimórios, não é uma relíquia de um distante passado mágico, ele não é um livro antigo e morto que espera para ver a luz novamente através de um devotado magista. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO não se trata de um livro; ele não está localizado no tempo ou no espaço. Como qualquer culto, ordem ou religião viva e ativa, trata-se de um *contínuo*, uma corrente. Ele muda seu conteúdo porque está vivo, porque é praticado e vivido em vários contextos culturais, sociais e geográficos [...] [e] ele constantemente responde as necessidades de seus leitores. Da costa da Catalunha a Algarve, da Ibéria rural ao nordeste do Brasil, dos terreiros de Quimbanda e finalmente até as cidades, ele é em todo o sentido do termo um livro de magia popular, um livro [de magia] para o povo. [...] Ele vive a margem da sociedade, nas sombras, no limiar entre religiosidade e heresia, virtude e vício. Como o próprio Santo, ele vive naquela linha onde Deus e o Diabo se encontram. [...] Mas como um *contínuo*, um ponto parece ser constante em suas edições, todas trazem a narrativa faustina.

[...] Este terceiro período [da tradição cipriânica] não pode ser separado da efervescência mágico-religiosa da atmosfera Sul-americana. Foi ali, num grande cadinho cultural de sangue branco, negro e nativo-americano que as práticas da magia cipriânica foram revitalizadas e desenvolvidas para além dos princípios da

⁶ Jonas Sufurino em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO; veja THESAURUS MAGICUS, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

⁷ Christopher Orapello e Tara-Love Maguire, BESOM, STANG & SWORD: A GUIDE TO TRADITIONAL WITCHCRAFT, THE SIX-FOLD PATH & THE HIDDEN LANDSCAPE. Weiser Books, 2018.

⁸ Antônio Maria Ramalhe, O BREVIÁRIO DE SÃO CIPRIANO. Eco, 2016.

⁹ Stephen Skinner, TECHNIQUES OF GRAECO-EGYPTIAN MAGIC. Golden Hoard Press, 2014.

¹⁰ Humberto Maggi, SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

prática ibérica, afastando-se dos livros originais. Essa nova e impressionante onda de práticas parece estar fazendo seu caminho de retorno a Ibéria e Europa, seja através da imigração ou pelo incrível prestígio e reconhecimento das técnicas mágico-religiosas Sul-americanas, colorindo e revitalizando antigos cultos cipriânicos. Em teoria, devido a seu caráter altamente pragmático, estas novas práticas revitalizadas poderão no futuro uma vez mais cristalizar uma nova ortodoxia cipriânica. Contudo, devido à possibilidade de se estabelecer contato mediúnico com São Cipriano, um constante fluxo de material novo e atualizado é estabelecido, fazendo dele uma corrente viva, como uma vez o foi em um distante passado da Ibéria.¹¹

¹¹ José Leitão, THE BOOK OF ST. CYPRIAN: THE SORCERER'S TREASURE. Hadean Press, 2014.

VOSSA SANTIDADE MAIORAL DE QUIMBANDA



A comida [ela] diz e confessa, fedia a enxofre e breu; e, sobre a mesa, iluminavam-se algumas tochas com cabos de corda encharcados, que davam uma iluminação escura, sombria e fedorenta. E sentado na cabeceira da mesa estava Maioral em seu trono com encosto negro, com um pano longo como um capuz enrolado e, algumas vezes, ele tinha [o cabelo] cortado e uma barba muito longa.¹²

A Entidade Máxima denomina-se «Maioral», tendo ainda outros denominativos, tais como: Lúcifer, Diabo, Satanás, Capeta, tihoso, sendo [...] mais conhecido com o nome de «Exu Rei». [...] Sua Majestade «Lúcifer» ou Exu-Rei, é o dono e Senhor das Trevas. Considerado por sua Falange como o «Absoluto», é quem domina o Reino da Terra. [...] É quem determina e comanda todos os atos inerentes ao «Povo de Exu». É a entidade máxima do mal, a quem são prestadas todas as honrarias de uma verdadeira majestade.¹³

Em todas as vertentes religiosas, existe a concepção de um Ser Supremo, algo que está além de compreensões exotéricas e banalizadas. Tal ser é chamado de Maioral [na Quimbanda]. [...] A Quimbanda Brasileira foi o fruto da junção de três vertentes principais: Africana, Europeia, Indígena Nativa e, tais pilares construtivos encontraram similaridades que possibilitaram a junção e criação de novos seres. [...] A formação do conceito Maioral deu-se pelo sincretismo ocorrido entre os «Exus-Eguns» e os demônios listados como subalternos dos Maiorais do Inferno. [...] Maioral aparece como um termo usado para designar Seres Espirituais que regem as Legiões de Exus e Pombagiras. Dentro do processo de cristianização de Oxalá e os demais orixás africanos, a dualidade existente no cristianismo, entendida como o «Bem e o Mal» fez com que Exu assumisse o «Trono das Trevas» e fosse correlacionado à tríade maligna descrita nos antigos Grimórios composta por Lúcifer, Beelzebuth e Astaroth. O primeiro passo desse sincretismo umbandista foi classificar três Exus que assumiram os «Tronos Maiorais». Lúcifer foi correlacionado a «Exu Lúcifer», Beelzebuth (Beelzebub) com «Exu Mor» e Astaroth (Ashtaroth) com «Exu das Sete Encruzilhadas». A partir dessa tríade os Exus foram classificados e renomeados segundo a demonologia dos antigos Grimórios.¹⁴

Da feitiçaria portuguesa também vieram noções de uma hierarquia infernal. Já no processo de Inquisição em Lisboa em 1559 nós encontramos o título de Maioral dado ao Diabo como cabeça [chefe] dos cultos e do inferno.¹⁵

O Diabo sempre esteve acompanhando minha iniciação e nos três ciclos que me envolvi com São Cipriano ele me trouxe novamente ao Diabo, como se eu me desviasse do caminho. Em nosso último encontro ele me trouxe até o Chefe Império V.S. Maioral e sua Legião de Mestres Exus e Pombagiras.¹⁶

Este «Diabo» é chamado Satã ou Shaitan, e considerado com horror pelas pessoas que ignoram sua Fórmula imaginando-a como maligna, acusam a natureza de seu próprio crime imaginário. Satã é Saturno, Set, Abrasax, Adad, Adônis, Átis, Adão, Adonai, etc.¹⁷

[...] Foram muitos os anos antes que Crowley reconhecesse Aiwass como um ser idêntico a seu *Daimon*, seu Gênio ou Sagrado Anjo Guardião. Aiwass, o «ministro de Hoor-paar-Kraat», portanto equipara-se com o «Lúcifer solar-fálico-hermético; o Demônio, Satã [...]». Esta serpente, Satã, não é inimiga do Homem, Ela quem fez os Deuses de nossa raça, conhecendo o Bem e o Mal; Ela declarou «Conhece-te a ti Mesmo!» e ensinou a Iniciação.» Crowley tipifica a Verdadeira Natureza em todo homem e mulher, a Verdadeira Vontade, por um *Sátiro*, uma forma de *Sat-An*.¹⁸

¹² Yvonne Cunha Rêgo, FEITICEIRO, PROFETAS E VISIONÁRIOS. Citado em MARIA DE PADILHA: QUEEN OF THE SOLS, Humberto Maggi & Verônica Rivas, Hadean Press, 2015.

¹³ Aluizio Fontenelle, EXU. Parzifal Publicações, 2018.

¹⁴ Danilo Coppini, QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA. Via Sestra, 2019.

¹⁵ Humberto Maggi & Verônica Rivas, MARIA DE PADILHA: QUEEN OF THE SOLS. Hadean Press, 2015.

¹⁶ Fernando de Ligório, EU SOU FILHO DO DIABO, artigo disponível no Blog do site Filosofia Oculta.

¹⁷ Aleister Crowley, MAGIA EM TEORIA & PRÁTICA, tradução de Marcelo Ramos Motta.

¹⁸ Kenneth Grant, ALEISTER CROWLEY & O DEUS OCULTO, tradução pessoal.

Virar as costas ao Diabo pode ser algo enganoso para os feiticeiros tradicionais. Quando agimos assim, corremos o risco de distorcer a história da feitiçaria como se desenvolveu no mundo ocidental e perder o que ela ainda tem a nos revelar. [...] Ao rejeitar o que o Diabo abrange ou representa, condenamos aquilo que significa ser completamente humano – uma criatura da terra, incluindo a selvageria e a carnalidade da natureza. Essa rejeição faz brotar em nós a visão romântica e perigosa de que a natureza é uma força benevolente que cuida de nossos melhores interesses. Na realidade, a natureza não é nossa protetora e nem nossa amiga. Jamais devemos nos esquecer disso. A natureza é vermelha nos dentes e nas garras. [...] A natureza é um monstro e, ao mesmo tempo, bela e deslumbrante. Ela tem dentes e morde com firmeza aqueles que tentam torna-la cor-de-rosa e delicada. [...] A natureza requer nossa vigilância, a criação de um elo profundo entre o animal e o humano. [...] Como uma representação da selvageria da natureza, o Diabo reflete nosso lugar nessa complexidade – o humano unido ao animal. [...] Aceitamos o Diabo como um símbolo de humanidade, uma criatura da terra. [...] Em nossa arte invocamos o Diabo como o Senhor das Feiticeiras, o Senhor dos Caminhos e Unificador de Mundos. Ele é a incorporação da própria natureza. Une os mundos interior e exterior. Acima e abaixo. Como a imagem icônica de Baphomet, [...] nem bom e nem mau, uma parte integral do fluxo e refluxo da existência.¹⁹



Como temos observado no curso de nosso estudo sobre a tradição cipriânica da magia (feitiçaria ibérica popular), a demonologia europeia e tradição dos grimórios salomônicos e modernos influenciaram profundamente a formação do Culto de Exu na Quimbanda Brasileira, termo que designa inúmeras vertentes e seguimentos de Quimbanda que nasceram no Brasil a partir do Candomblé, da Cabula e da Macumba do fim do Séc. XIX e início do Séc. XX. A iconografia do Culto de Exu na Quimbanda foi diretamente influenciada pela demonologia ibérica, onde a alcunha de *Maioral* foi dada ao Diabo como chefe supremo de todas as legiões de demônios no inferno. É dessa ideia do Diabo como Senhor das Trevas e Chefe Supremo dos demônios do inferno que nasceu o conceito de *Maioral de Quimbanda*, o Chefe Império dos Sete Reinos de Quimbanda e todas as Falanges de Exus e Pombagiras. A ideia do Diabo como símbolo da força e selvageria da Natureza, tanto humana quanto natural, e Senhor dos Feiticeiros, mediador entre os espíritos tutelares e os feiticeiros, foi diretamente associada a Vossa Santidade Maioral, mediador dos feiticeiros-kimbanda e seus Exus Tutelares.²⁰ Deus e Diabo na Quimbanda, esse é Maioral.

Essa ideia já existia na tradição de Quimbanda desde a sua gênese, mas ganhou força e ímpeto entre os umbandistas em um segundo momento a partir da obra de Aluizio Fontenelle, *EXU* (1951), onde Maioral foi *entronado* como Senhor dos três chefes infernais: Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth. Estes três chefes infernais, por outro lado, estando abaixo de Maioral, são, no entanto, líderes das Falanges de Exus e Pombagiras, associados aos *daimones* (ou demônios) de um grimório do Séc. XVIII, o GRIMORIUM VERUM. Embora tenha sido uma tentativa de aproximar o Culto de Exu na Quimbanda as suas origens iconográficas demonológicas, foi um tiro no pé o que Fontenelle fez, afinal de contas Exus e Pombagiras não são demônios, mas almas deificadas de antigos mestres de magia e feitiçaria, xamãs, magos, feiticeiros e alquimistas. *Exu é o interlocutor entre os homens e os deuses, conhecedor da linguagem dos dois mundos, vai ao sagrado levar o chamado dos seus filhos que se encontram no mundo profano.*

¹⁹ Christopher Orapello e Tara-Love Maguire, *BESOM, STANG & SWORD: A GUIDE TO TRADITIONAL WITCHCRAFT, THE SIX-FOLD PATH & THE HIDDEN LANDSCAPE*. Weiser Books, 2018.

²⁰ Na tradição de Quimbanda é Maioral que *libera*, podemos dizer, o Exu Tutelar de cada feiticeiro-kimbanda, da mesma maneira que na feitiçaria é o Diabo que provê acesso aos espíritos familiares.

*Força da natureza, potência do movimento e da comunicação, Exu na Quimbanda é um espírito ancestral e familiar, que volta à Terra com a missão de guardar, proteger e ensinar seus fiéis nos caminhos do destino.*²¹ Essa ideia ou concepção de Exu na Quimbanda está muito próxima da ideia socrática/platônica de *daimon*, não como demônio, interpretação que só apareceu após a tradução do VELHO TESTAMENTO para o grego. Como um agente ou encaminhador do Destino, interlocutor entre deuses e homens, é que Exu pode ser assemelhado ao *daimon* grego, não o demônio dos grimórios medievais e modernos com noções cristãs/rosacrucianas de cosmos. Então, um dos grandes problemas que a tradição de Quimbanda ainda enfrenta é que a maioria das interpretações disponíveis sobre o culto e trato com Exus e tradição de Quimbanda é de inclinação umbandista. Fontenelle era um autor de Umbanda, não de Quimbanda. Na Umbanda, a parte do ritual que lida com Exu é Quimbanda, a tal *gira de esquerda*, onde Exus e Pombagiras estão sob a Lei de Umbanda. Mas a Quimbanda como Culto de Exu separada da Umbanda tem suas próprias leis baseadas no Chefe Império Maioral de Quimbanda e nas operações/relações independentes entre os médiuns e seus guias.

Não sendo demônios, como erroneamente postulado por Fontenelle, Exus são espíritos ancestrais muito próximos da natureza humana. Como estiveram encarnados na legião dos vivos, passaram por experiências diversas e, da mesma maneira que nós, eles têm uma perspectiva individual da existência.²² Por conta disso, dessa visão particular de mundo, cada Exu possui sua própria Lei e não veem o mundo pela Lei de doutrinas, como querem os umbandistas acreditar. Essa proximidade com a natureza humana é uma das razões pelas quais Exus possuem características diabólicas: a selvageria da Natureza, o impulso animalesco da condição humana. O que os homens temem nos próprios homens é o que eles temem no Diabo, é o que eles também temem nos Exus e Pombagiras: a crueldade da Natureza.²³ A Natureza é vermelha e preta; o vermelho do sangue e o preto da terra. Essas são as cores que representam o trabalho de Exu, as cores do Diabo.

Vossa Santidade ou Chefe Império Maioral não é uma *entidade*, mas uma fonte, junção e confluência de forças espirituais representadas pelas Falanges de Exus e Pombagiras. Onde há Exu e Pombagira atuando/trabalhando cria-se uma zona de poder que atrai e condensa a presença de Exu Maioral. Em si Exu Maioral agrega todos os elementos (Terra, Fogo, Ar, Água). Como uma confluência de forças espirituais, antigas, ancestrais e modernas, a figura mais adequada a Exu Maioral é o Baphomet de Eliphaz Levi. Ele é a união de todas as entidades cultuadas na Quimbanda e, ao mesmo tempo, a fonte de onde elas vêm. A condensação mágica dos três polos energéticos do Culto de Exu: positivo, negativo e neutro. Este é um dos motivos pelos quais a alcunha de *caminho da*

²¹ Diego de Oxossi, QUIMBANDA | EXU MAIORAL: DEUS E DIABO NA MAGIA. Disponível na internet.

²² A Quimbanda como movimento de liberdade contra opressão religiosa/cultural/social, também utiliza a iconografia diabólica como arma contra os opressores de seus filhos de fé. Dai muitos Tatás de Quimbanda se autointitularem com nomes que assustam: Tatá Augustin de Satã, Tatá João de Lúcifer etc. Essas alcunhas diabólicas não têm valor teológico, mas simbólico apenas. São marcas de guerra utilizadas/mostradas com orgulho como cicatrizes de combate e vitória contra opressão étnica e cultural.

²³ Na associação de Fontenelle, Exus foram comparados diretamente a demônios. Na feitiçaria europeia é feita uma associação entre almas mortas e demônios trabalhando juntos. Isso influenciou o imaginário popular brasileiro que na formação do Culto de Exu na Quimbanda no meio do Séc. XX associou-os diretamente. Fontenelle em verdade prestou um desserviço a tradição de Quimbanda; uma infelicidade corromper o Culto de Exu de dentro para fora, como se de fora para dentro isso já não fosse o suficiente, prática de mentes torpes e ignorantes.

mão esquerda não pode, de fato, ser atribuída a Quimbanda, pois essa se limita aos Sete Reinos que provêm de Maioral. Nele fundem-se os caminhos das mãos esquerda e direita. Na representação iconográfica de Baphomet, Maioral representa o *axis mundi* ou eixo de equilíbrio da existência. Como tal, Maioral é o Chefe Supremo da tradição de Quimbanda. De seu trono emanam todos os Reinos de Quimbanda e todos os Exus e Pombagiras. Onde há um terreiro ou gira de Quimbanda, ali está Maioral, uma presença indelével, um olhar na escuridão, assim como o Diabo a espreita na floresta escura.

Nós do *Terreiro de Quimbanda Cova de Cipriano Feiticeiro* convidamos você a adentrar ao Reino de Exu Tranca-Ruas de Embaré, Exu Pantera Negra, Exu Caveira, Exu Lorde da Morte e demais Exus e Pombagiras que assistem o nosso *Chão de Quimbanda* para conhecer nosso trabalho. Nós realizamos uma vez ao mês giras abertas com atendimentos e passes com os Mestres Exus e Pombagiras da Casa gratuitamente. Nossa Quimbanda é Culto de Exu, um Culto de Sangue & Fogo.

Salve Exu Maioral a sua Banda!

Laroyê Exu é Mojuba!

Ζητει Μυστηρια

Fernando de Ligório

Terreiro de Quimbanda Cova de Cipriano Feiticeiro

WhatsApp para consultas apenas: 24 9 9264 7825